

#VEMPRARUA: TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES NAS MANIFESTAÇÕES BRASILEIRAS DE JUNHO DE 2013

Gustavo Souza Santos¹

Maria das Graças Campolina Cunha²

Resumo

A redescoberta e a incursão de novos significados aos conceitos de território e de territorialidade passam pelos desafios próprios de cada tempo, que demandam definições acuradas para refletirem suas dinâmicas e transformações espaçotemporais na contemporaneidade. Objetivou-se aqui analisar a produção de territorialidades a partir das manifestações brasileiras de junho de 2013. Inicialmente reflete-se sobre a definição e dimensão do conceito de território, para a seguir, tratar da produção de territorialidades e atrelá-la às manifestações de 2013. A apropriação das ruas, os devires coletivizados, a integração identitária, as tramas de comunicação de difusão e transmissão de mensagens e o arranjo de um movimento de base ciberativista se concatenam na emergência de uma territorialidade expressiva. Territorialidade (i)material e palco de reconfigurações socioespaciais e políticas, na qual se presta o esforço desta reflexão.

Palavras-chave: Território; territorialidade; movimentos sociais; ciberativismo; ciberespaço.

#VEMPRARUA: TERRITORY AND TERRITORIALITIES IN JUNE 2013 BRAZILIAN PROTEST EVENTS

Abstract

The rediscovery and the incursion of new meanings to the territory and territoriality concepts pass through own challenges of each time that demands accurate definitions to reflect its dynamics and spatiotemporal changes in contemporary society. The objective of this paper was to analyze the production of territoriality from Brazilian protest events of June 2013. Initially it reflects on the definition and dimension of territory concept to further deal with the production of territorialities and attach that to 2013 events. The appropriation of the streets, the collectivized becomings, the identity integration, the broadcast communication frames and message transmission and the arrangement of a cyberactivist movement concatenate to the emergence of a significant territoriality. Territoriality (i)material and stage of socio-spatial reconfigurations and policies, which lends the effort of this reflection.

Keywords: Territory; territoriality; social movements; cyberactivism; cyberspace.

¹ Docente das Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros (FIPMoc). Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).Email: gustavo.ccpv@gmail.com.

² Docente da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Email: gracapira@yahoo.com.br.

#VEMPRARUA: TERRITORIO Y TERRITORIALIDADES EN ACONTECIMIENTOS BRASILEÑOS DE JUNIO DE 2013

Resumen

El redescubrimiento y la incursión de nuevos significados al territorio de los conceptos y territorialidad pasan a través de los desafíos propios cada vez que la demanda definiciones precisas para reflejar sus cambios dinámicos y espacio-temporales en la sociedad contemporánea. El objetivo en este caso para analizar la producción de territorialidad de las manifestaciones brasileñas de junio de 2013. En un principio se refleja en la definición y el tamaño del territorio de concepto, a seguir, para hacer frente a la territorialidad de producción y utilizarla de manera que las demostraciones 2013. La apropiación de las calles, los devenires colectivizadas, la integración de la identidad, la transmisión de tramas de comunicación de difusión y mensaje y la disposición de un movimiento de base ciberactivista concatenan la aparición de una territorialidad significativa. Territorialidad (i) Material y etapa de reconfiguraciones y políticas socio-espaciales, que se presta el esfuerzo de esta reflexión.

Palabras clave: Territorio; territorialidad; los movimientos sociales; ciberactivismo; ciberespacio.

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade abarca uma série de fenômenos, eventos e aspectos que revelam e desvelam devires e transformações entre os sujeitos e o espaço. Em seu esteio, marcas e pistas que conduzem a lúzeiros maiores sobre a complexificação da vida em sociedade ante as práticas de seus sujeitos no tempo e no espaço. É nesse íterim que a ciência geográfica tem se debruçado: as revoluções entre espaço e sociedade. Isto implica tocar as novas manifestações socioespaciais de desdobramentos hodiernos.

Cada tempo comporta desafios próprios que demandam definições mais acuradas a refletir a essência de suas dinâmicas de modo aprofundado e funcional. Como concorda Silveira (2011), com o conceito de territorialidade, tal fato não poderia ser diferente. Saquet (2007) atesta que o território tem sido evocado a partir de novas construções em uma redescoberta de significados. As noções de cotidianidade e as redes de comunicação, na senda de Lefebvre (1991), têm sido fundamentais para um novo encontro com o território, as territorialidades e sua produção.

Intenta-se aqui partir da incursão de novos significados do território e das territorialidades à guisa de processos contemporâneos como as redes de comunicação e novas expressões sociopolíticas, sob a interface do ciberespaço e o dimensionamento de ativismos *on-line/off-line*. Assim, reflète-se inicialmente sobre a definição e dimensão do conceito de

território, para a seguir, tratar da produção de territorialidades e atrelá-la a um evento-fenômeno atual de apropriação do espaço para manifestações ativistas com refletância no ciberespaço, isto é, gerador de práticas de ciberativismo: as manifestações brasileiras de 2013.

Em junho de 2013, o Movimento Passe Livre³ - movimento de ativismo e discussão em torno do transporte público paulista - e uma coesão de jovens, usaram importantes vias paulistanas para protestarem contra o aumento da tarifa do transporte público. Entretanto, a ocupação das ruas ampliou seu escopo e agremiou um grande espectro de adeptos em todo o país, que fizeram das ruas o eixo para uma série de reivindicações tocantes a temas sociais, políticos e cotidianos.

O movimento ampliado agarrou-se à expressão “O gigante acordou”, uma alusão ao país “gigante” que acordara para construir uma realidade melhor de vida para todo o povo. O movimento de protestos congregou sentimentos nacionais de desejo de mudança dos paradigmas sociais e políticos do país. A sintonia foi ampla. Nos últimos anos, a Primavera Árabe, o *Occupy Wall Street* e outros cenários tiveram ressonância precedente ao caso aqui abordado, tendo como chancela a profusão de práticas socioespaciais, ciberativismo e pulsos territoriais.

A apropriação das ruas, os devires coletivizados, a integração identitária, as tramas de comunicação de difusão e transmissão de mensagens e o arranjo de um movimento de base ciberativista se concatenam na emergência de uma territorialidade expressiva. Territorialidade (i)material e palco de reconfigurações socioespaciais e políticas, na qual se presta o esforço desta análise. Assim, objetiva-se aqui analisar a produção de territorialidades a partir das manifestações brasileiras de junho de 2013.

TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES: caracterização e produção

Conforme Raffestin (1993), o território é construído sob o sistema triádico sociedade-espaço-tempo. A implicação dessa visão tridimensional do território é um conceito ou categoria de aquiescência espacial, tomado por seus vetores, símbolos e dinâmicas, posto que a tipologia social e a temporalidade atuam como eixos e empuxos para sua efetivação. Continuando numa linha raffestiniana, o território é produto dos atores sociais que o

³ Para entender a autodefinição e os princípios do Movimento Passe Livre, conferir <http://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/>.

constroem por meio do espaço, uma realidade inicial. Tem-se, portanto, um processo do território, onde a relação espaçotemporal é a base para sua organização (SAQUET, 2009).

Esmiuçando a tríade sociedade-espaço-tempo, por sociedade há que se considerar o dito aristotélico do homem como um sujeito social. Isto é, o homem é um ser que se move em torno de relações e são essas relações, na visão de Saquet (2009), que constroem seu mundo objetiva e subjetivamente, de modo material e também imaterial. É em torno das relações sociais vividas pelo homem, das multiplicidades de suas vivências cotidianas que o território se efetiva, evidenciando sua estrutura composta de malhas, redes e nós em inter-relações.

Em termos de espaço, Saquet (2009) pontua que o território se diferencia do espaço geográfico a partir de características pontuais: as relações de poder numa perspectiva multidimensional; por meio da construção identitária numa enseada histórica e relacional; e a partir das redes, onde o movimento de territorialização, desterritorialização e reterritorialização tem préstimo. Combinações (i)materiais de campos de força políticos, econômicos e culturais fornecem a tônica que, ao mesmo tempo, distingue território de espaço e define o território.

O tempo está na base da organização territorial. Os campos de força políticos, econômicos e culturais, a produção das identidades, as interações sociais e as práticas espaciais são perpassadas pelo movimento histórico. A (i)materialidade do território e a combinação de suas relações estão dispostas sob um pulso espaçotemporal, que movimenta e articula os sujeitos na produção do território. Isto é, as múltiplas relações desenvolvidas territorialmente são historicamente produzidas e conduzidas na efetivação do território.

Face a Raffestin (1993) e Saquet (2009), o território tem por enfoque a espacialidade das relações de poder, além das identidades e das redes. O território se desvela assim como o lócus de atividades produtivas, representações, totens, símbolos e malhas integradas e seladas sob a égide do poder. Nos limites, nas demarcações, na legislação pertinente, nos fixos e fluxos, nos espaços e em sua apropriação, na integração, na informação e nos capitais em circulação, há o selo do poder anunciando o território.

Sob a incursão do poder, o território elabora e é receptáculo de uma série de relações sociais e atividades cotidianas que cristalizam em si territorialidades no espaço. Ou seja, relações espaçotemporais efetivadas entre sujeitos e objetos (homem/sociedade e espaço/espacialidades) que fluem do território, significando dinâmicas relacionais e históricas na diligência e diversidade de cada sociedade.

É possível entender o território, na concepção de Dematteis (1999), como uma mediação simbólica, cognitiva e prática da materialidade dos lugares intrincada na ação social. A territorialidade funcionaria como agregadora da materialidade espacial e projetora da imaterialidade radicada nas relações sociais, de poder, da ação social e das identidades. Ou como Saquet (2009) elabora, a valorização das condições e recursos dos contextos territoriais em desenvolvimento - embebidos de organização política, institucional e socialmente participativa - constituem uma territorialidade.

Se o território parte de uma construção coletiva e múltipla (SAQUET, 2009), a territorialidade não se manifestaria de outra forma a não ser como um fenômeno social e socializante na heterogeneidade de grupos sociais. Esse caráter socializante, engajado e integrado da territorialidade pende do ímpeto humano de domínio e exploração da realidade concreta fora de si. No contato com o mundo visível e sensível, o homem promove sua unidade com o mundo das ideias, numa relação ideia-matéria. Tal unidade relacional se traduz na própria territorialização e na atuação dos homens em sociedade, como parte de sua condição.

Tal premissa classifica territórios e territorialidades de humanos, isto é, imiscuídos de suas ações, experiências, gestos, signos e vivências, o que acarreta sua multiplicidade. Destarte o caráter humano e múltiplo, território e territorialidade são ainda históricos e relacionais, contingencialmente. Essa caracterização permite entender que a territorialidade é ativa, efetivando-se em múltiplas escalas e variando no tempo por meio das relações que abriga (SILVEIRA, 2011). Território e territorialidades se complexificam na variedade de relações que os produzem, nos campos de força que neles atuam, nas relações de poder, nas redes de comunicação, na dominação, nas identidades e na organização social em termos políticos, econômicos e culturais.

Cabe ressaltar que o território e as territorialidades têm forte circunscrição histórica e geográfica, isto é, uma relação íntima e intrínseca de cada lugar com o seu *corpus*. Como Saquet(2009) pontua, a localização no tempo e no espaço dão identidade, funcionalidade e condições de operação e efetivação ao território e suas territorialidades.

Práticas socioespaciaisobjetivas/subjetivas e materiais/imateriais; ações e reações dos atores sociais no cotidiano identificadas e reticuladas; o caráter retrátil e escalar das atividades, eventos e fenômenos; a apropriação material e simbólica do espaço; o conjunto de dispositivos institucionais, as relações público-privadas e de expressão política; o

conhecimento, a técnica e as tecnologias; as relações de poder e de trabalho; os objetivos e finalidades da atividade social (SAQUET, 2007); são facetas que caracterizam a produção e definirão o *modus operandi* do território e das territorialidades.

#VEMPRARUA: as territorialidades das manifestações brasileiras de 2013

Tendo trafegado na perspectiva da caracterização e definição do território e das territorialidades, importa agora lançar olhar sobre as manifestações brasileiras de junho de 2013 e posicioná-las transversalmente aos conceitos visitados, a fim de analisar sua perspectiva territorial. O que a apropriação das ruas diz? O que a ampliação dos objetivos iniciais do protesto diz? Como essa movimentação se territorializa? Como o gigante que acordou manifestou suas territorialidades?

Os processos cotidianos com seus problemas e implicações da vida em sociedade, o que incluem os desafios de ordem capitalista, os arquétipos culturais que dele pendem e toda a sorte de contrários verificados nessa ordem, inclinam os sujeitos e as coletividades a um itinerário de ação, no qual explicações e reparos são demandados pelos agentes sociais, para que este ordenamento permaneça em ordeiro funcionamento, concorda Saquet (2007).

Isto diz que os aspectos orgânicos da vida humana e da ordem social é uma trilha balanceada por energias sociais múltiplas, que operam na realidade humana com intento de consolidar meios, modos e cenários mais promissores e aprazíveis, diante da complexidade social de cada sociedade no tempo e no espaço. Problemas que ameaçam os sujeitos, as necessidades, as condições materiais e imateriais de vida, qualquer movimento que solape a cosmologia social, gestam pontos energizados de reação e clamor por explicações e, transformações.

No universo de desigualdades e contradições do capitalismo é que se reelaborou e se reelabora diante das dinâmicas espaçotemporais e da fecundidade sociocultural da contemporaneidade, vozes, clamores, gritos e reivindicações, sonorizadas na malha social. Tais manifestos se articulam em torno desse substrato de protuberâncias sociais, econômicas, políticas e culturais e se radicam em demandas sociais mais ou menos ativas, tendo por induto a solução ou a busca comum pela solução feita necessária.

As manifestações de 2013 estão inscritas nesse processo. Antes de constituírem um evento-fenômeno de todo o território brasileiro, seu pulso assistiu os desdobramentos

exteriores de insurgência, indignação e esperança que tomaram a Europa, América do Norte e o Oriente Médio. Das narrativas de insurgência primaveril árabe aos módulos de ocupação (i)material de Wall Street até as conjunturas dos ativismos *on-line* de Julian Assange⁴, houve uma trajetória de balizamento de práticas socioespaciais de expressão sociopolítica pelo globo.

A eclosão de eventos simultâneos pelo mundo parecia uma onda contagiosa de protestos, enredados e vinculados por suas próprias dinâmicas sociais e históricas, mas alinhavados por similaridades de progressão, combate e pulso solidário (CARNEIRO, 2012). Ainda que sem uma identidade orgânica, a epidemia de insurgência parecia se conectar por laços, nós e tramas comuns de expressão sociopolítica, apropriação espacial e práticas reivindicatórias com proclamações cabais de desejo de reforma: melhores condições ante a uma crise endêmica de ordem econômica e política.

As chamadas de indignação e movimentação popular chegaram ao Brasil, inicialmente sob a alcunha aparentemente particularizada do Movimento Passe Livre nos cenários metropolitanos de São Paulo. Aparentemente particularizada porque o palco dos protestos eram as lutas pelo transporte público, tendo na retórica o direito universal à mobilidade e ao transporte público em contraste à configuração limítrofe dos grandes centros urbanos expandidos, calcados por ingerência pública e outros problemas de natureza urbana.

“Não é por R\$ 0,20, é por direitos”. Um conclave ao projeto urbano e de vida que se propunha para a megalópole e não se restringia à interpretação parca da carestia dos serviços de transporte público, mas consistia no alerta aos direitos humanos alienados pela desatenção pública e por classes representativas que, fato constatado, já não representava mais ninguém. Uma luta por dignidade, uma pauta de todos e para todos, uma indignação ecoada nas vozes, nas experiências e nas vivências cidadãs. De São Paulo em reflexo e uníssono para o Brasil. E como se viu, solidariamente, no mundo inteiro.

O escopo do movimento era pontual. Entretanto, sua base já comportava o germe da revolução, do conclave expresso. Não se ater aos centavos de aumento da tarifa era o estopim por uma luta por direitos, ou menos, por melhores condições de vida, por um projeto futuro mais promissor e esperançoso para uma parcela cidadã que o via sob arrefecimento e esvaimento. Aos poucos, o movimento ganhou as ruas e a adesão paulista e o eco de toda uma

⁴ Julian Assange é o mais conhecido e principal porta-voz do WikiLeaks, um site que compartilha informações e documentos oficiais ocultados do interesse público.

nação unida em consciência, solidariedade e engajamento. Um despertar? Um levantar. Como proclamaram: o gigante acordou.

O gigante subjugado venceu os fios que o prendiam. Fios de precárias ações públicas, fios de uma política de ganhos, de carreiras e espetáculos, fios de má representação, fios de desatenção política, fios de enfraquecimento de uma cultura sociopolítica, fios de problemas estruturais e de gestão, fios que compunham um emaranhado onde os contrários de uma nação emergente se tornavam algozes imperativos e sistêmicos. Mas em seu despertar, um estalo, um recobrar da visão, a restauração da voz, o reanimar dos passos e um convite: vem para rua.

O convite à rua não é novidade na história dos movimentos sociais e da ocupação urbana. Mas ali, seu frescor fornecia algo com o qual já não se acreditava e não se achava caminhos e condições de reverter. Ocupar à rua, o espaço da vida cotidiana, o espaço dos fluxos, a materialidade do ir e vir, a (i)materialidade do acontecer cotidiano era a chave de tensão pela meta, com a qual os gritos por vida e direitos passaram a se ouvir.

Ora, a territorialização é desencadeada pelos processos de apropriação concreta ou simbólica do espaço (SAQUET, 2007). No convite à rua, a ocupação do espaço urbano e público funcionou como uma corrente sanguínea em plena irrigação ou como os impulsos nervosos em profusão comunicante e ramificados pelo corpo territorial do país. Pés nas ruas, percursos coletivizados, vozes, clamores e um sentido de pertença que rompia a localização material e se elevava a uma localização basal, situada e em sinergia às demais cidades e cantos do país.

No espaço ocupado e apropriado é que toda sorte de relações sociais se movem e produzem o território e suas territorialidades (SAQUET, 2007). No movimento de passe livre ampliado, se juntaram os matizes e os contornos específicos da crescente e diversificada iminência nacional. Seus problemas, suas contradições, desigualdades, sua história, introjetaram uma sinergia comum a constituir os passos do gigante adormecido e que passava a, finalmente, se movimentar.

Para a história nacional, não é a primeira vez que rompantes de protesto e ocupação do espaço catalisaram mudanças sociais e políticas. Nas Diretas Já, nos combates da ditadura militar ou com os caras pintadas, o Brasil assistiu ímpetos com semelhanças pontuais aos desdobramentos do fatídico mês de junho de 2013. Mas o gigante havia despertado. Talvez adormecido por uma atmosfera de estabilidade ou pela perda de relevância de sua vigilância que o fizeram cair no sono e atrofiar seu movimento.

O fato é que o gigante, no imaginário popular, acordou. Acordou naquele momento, o que parece indicar o despertar não apenas de uma consciência convidativa à luta, mas de um movimento memorial mais intrincado e concatenado com o passado. O nutriente advindo da memória de experiências e expectativas antepassadas desencadeou uma força messiânica (BRANDÃO, 1998), de resgate do passado e compromisso com os legados e de cada linha escrita anteriormente e que precisavam de desagravo no presente, com vistas a um futuro mais otimista.

No despertar evocado pela memória, pode-se inferir que os novos passos do gigante indicam a gestação ou a restauração de uma nova consciência politizada, isto é, uma cultura política, por si, mas reelaborada, reorientada com os símbolos e tramas que a atualidade pode fornecer do tempo, do espaço e dos sujeitos. Uma cultura em formação, pouco consistente, visto que em todos os movimentos, não apenas nos brasileiros - mas estendendo à Europa, África, Oriente Médio e Américas -, prescindiram de uma organização e sistematização definida sobre o que as rupturas e transformações representariam e se tornariam em um *a posteriori* (CARNEIRO, 2012; HARVEY *et al.*, 2012).

Destarte a expansão dos objetivos e finalidades dos protestos, da ocupação das ruas, do germe de uma nova cultura política, emancipou-se uma territorialidade de insurgência. Insurgência dotada de um projeto de vida em plena adesão e compartilhamento nas diversas dimensões em que a pauta se originava e se desenvolvia. Isto é, a ampliação do escopo da manifestação implicou num caráter transescalar do movimento, seja pela alocação população, pela ocupação ou pela finalidade explícita.

Erigiu-se assim uma territorialidade fruto de dinâmicas espaciais e relacionais marcada por uma agenda sociopolítica. Particularizada nos clamores ao mesmo tempo situacionais e nacionais, e universalizada nos objetos e finalidades fundamentais a tocar sujeitos e sociedade. A territorialidade das manifestações de junho de 2013 efetivou-se com um aspecto múltiplo e de forte disseminação inter-relacionada. Isso, por um movimento de enredamento de suas perspectivas, tornando o território nacional uma malha intercomunicante e reticulada.

Nessa malha intercomunicante e reticulada, fixos e fluxos se arrolam num reclame às relações de poder, afinal os territórios são, por si, entre outras questões, espaços de governanças (FERNANDES, 2009). No território, as dimensões política e econômica são características, de maneira história e transescalar (SAQUET, 2007). Tal prospecto conferiu à

territorialidade una das manifestações de 2013, um palco para a efetivação de frentes de contrapoder, demonstrando ao mesmo tempo o potencial ativo da territorialidade, o potencial reativo dos cidadãos e as possibilidades construtivas e participativas de mudança dos roteiros de governança e governabilidade.

No arremate da agenda do ativismo que ocupou as ruas brasileiras, estão aspectos de tônica social, econômica e política. Aspectos que são marcadores do território, marcado pelas contradições, disputas e reconfigurações. Isto é, o território é um signo de disputas e de manufaturação do poder, é uma enseada relacional onde o poder é cadente e constitutivo de uma lógica de ordenamento e progressão do espaço. Nesse ínterim, a territorialidade do gigante desperto é simultaneamente produção espaçotemporal do território e projeção constitutiva da realidade territorial.

Um aspecto não olvidável do caso em questão é seu desenvolvimento reticulado. Desta vez, não apenas numa concepção convencional de redes e territorialidades humanas. As manifestações de 2013, assim como suas irmãs globais, foram tonificadas por operações e performances *on-line*. O uso de redes sociais e tecnologias de informação e comunicação constituíram insumos, recursos e uma indumentária fundamental para a ebulição do movimento popular, sua coesão e sua emancipação. Em uma medida de concatenamento, mas também de efetivação, posto que as práticas desenvolvidas nas vias do ciberespaço foram importantes para furar a cobertura midiática e as instituições de poder.

O dito de Lévy (2000) de que o ciberespaço é o lugar onde a humanidade funciona atualmente nunca se tornou tão expressivo e aplicado. O gigante acordou sob fluxos e influxos amplificados pelo ciberespaço e que se refletiram como da virtualidade para a realidade *off-line*. As redes são partícipes da produção e da identidade territorial e, assim, no bojo das manifestações, sua interlocução não apenas acrescentou um tônus moderno aos movimentos, mas consistiu uma mola integradora de seu funcionamento.

O ciberativismo é um rebento do ciberespaço e da cibercultura. Uma miríade de movimentos e pautas tem promovido rupturas, transformações e reconfigurações em toda a tessitura territorial do mundo contemporâneo. As práticas e performances ciberativistas tem em sua essência um caráter renovado de contrapoder. Isso porque na sociedade da informação, a virtualidade engendra nos indivíduos atributos que os permitem romper com obstáculos institucionais e tradicionais que, por si, impediriam a curvatura da atividade

territorial, o arranjo coletivo ou a performance identitária dos sujeitos a partir de seus lugares e contextos.

Pende dessa nova envergadura territorial, o conceito de território informacional, entendido como o lugar de controle e dimensionamento informacional na inter-relação das dimensões físicas e técnicas com as redes telemáticas e suas virtudes, não sendo o território informacional o ciberespaço em si, mas uma espacialidade de controle do fluxo informacional (LEMOS, 2008)

O território informacional em tempos de cibercultura e no som dessas novas movimentações sociais se entrecruzam à produção de territórios e territorialidades, significando novas pulsões que levam a ciência geográfica a deter suas investigações, afinal são caras as reflexões em torno dos fluxos, redes e tramas na contemporaneidade dos estudos geográficos (SAQUET, 2007).

Lefebvre (1991) caracterizava práticas espaciais como performances radicadas no espaço envolvendo a realidade cotidiana e a representação do espaço com os símbolos, vivências e imagens que os acompanham. Diante dos cenários das territorialidades das manifestações de 2013, do ciberativismo e dos movimentos sociais na sociedade da informação, tais performances se ressignificam, dotando os sujeitos e coletividades de uma nova compreensão do espaço e de um uso renovado deste, originando novos processos e dinâmicas socioespaciais.

Junho de 2013, bem como os movimentos de todo o mundo desde 2011, podem ser agregados nessa ressignificação das práticas espaciais lefebvrianas, alinhavadas na contemporaneidade pelas redes, fluxos, informação e comunicação, gestando novas performances socioespaciais. A novidade se pauta em uma renovação da produção do espaço diante de novos objetos e símbolos contemporâneos (como os produtos do ciberespaço, a cibercultura, o ciberativismo e a internet em si). Essa renovação inclui as contradições sociais, a tecnificação da vida, a apropriação e o uso do espaço e a práxis cotidiana (SAQUET, 2007).

Não se faz como proposta aqui delinear um novo território ou territorialidade, nem uma nova Geografia. Intenta-se chamar à reflexão novas tramas e cenários que exigem novos olhares investigativos e contemplações geográficas que, como enunciado anteriormente, tem se ocupado das revoluções que tomam lugar entre o homem e a sociedade, no tempo e no

espaço. Afinal, interconexão, transformação, dinâmica e contradição são características inerentes ao espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Território e territorialidades são produzidos e caracterizados por uma combinação de múltiplos fatores, onde as relações espaçotemporais e as construções sociais do homem são determinantes. Intentou-se aqui a partir do levante das características que produzem e definem território e territorialidades, lançar olhar sobre os novos objetos e arranjos que a contemporaneidade tem contemplado em termos de organização e dinâmicas socioespaciais, particularmente nas manifestações brasileiras de junho de 2013.

Apontou-se a efetivação de uma territorialidade das manifestações por meio do acompanhamento de suas partes constituintes, desde a apropriação do espaço, aos efeitos da memória e a geração de performances socioespaciais agremiadas sob agendas de natureza sociopolítica, caracterizadas por uma transescalaridade e por forças de contrapoder. Elevou-se a análise à dimensão dos territórios informacionais e do préstimo do ciberespaço, a produzir novas searas de ação e de refletância *on-line* e *off-line*.

Acredita-se que a produção contemporânea do espaço deva considerar o surgimento de novos objetos, símbolos, imagens e práticas socioespaciais, como o ciberespaço, a cibercultura e o ciberativismo, bem como o exercício e o uso do espaço. Considerando a fluidez, a velocidade e os cenários ligados à sociedade da informação, tais cenários podem ser fugidios e, portanto, necessitam de investigações contínuas sobre sua dimensão, constituição e implicações significativas. Por fim, território e territorialidades são evidenciados como lócus de processos e dinâmicas contemporâneas, implicando novos olhares à categoria, ao conceito e à sua associação a novos fenômenos, objetos e eventos.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A primeira. Walter Benjamin. A dívida solidária com o passado. In: _____. **Memória Sertão**: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão. São Paulo: Cone Sul; Uberaba: Editora Uniube, 1998. p. 27-34.

CARNEIRO, Henrique Soares. Rebeliões e ocupações de 2011. In: HARVEY, David *et al.* **Occupy**. Movimentos de protesto que tomaram as ruas. Tradução de João Alexandre Peschanskiet *al.* São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2012.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Sobre a tipologia de territórios. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Org.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 197-215.

HAESBERT, Rogério. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Org.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 95-120.

HARVEY, David. *et al.* **Occupy**. Movimentos de protesto que tomaram as ruas. Tradução de João Alexandre Peschanski *et al.* São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2012.

LEFEBVRE, Henri. **The Production of Space**. Tradução de D. Nicholson-Smith. Oxford: Basil Blackwell, 1991.

LE MOS, André. Mídias Locativas e Territórios Informacionais. In: SANTAELLA, L.; ARANTES, P. (Orgs.). **Estéticas Tecnológicas**. Novos Modos de Sentir. São Paulo: Educ., 2008. p. 207-230.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções do território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Org.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 73-93.

SILVEIRA, Maria Laura. Novos aconteceres, novas territorialidades. In: DIAS, L. C.; FERRARI, M. (Orgs.). **Territorialidades humanas e redes sociais**. Florianópolis: Insular, 2011. p. 39-62.

Recebido em Junho de 2016

Aprovado em Outubro de 2016

Publicado em Dezembro de 2016